



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **POLÍTICAS PARA O ENSINO: DO REFERENCIAL NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL À BASE NACIONAL COMUM**

Autora: Simone Luzia da Silva Sousa. (IFPB) [simoneluzia12@hotmail.com](mailto:simoneluzia12@hotmail.com)  
Co- autora (1): Vanda Maria Félix. (IFPB/ PIBID) [vandafelix@outlook.com.br](mailto:vandafelix@outlook.com.br)  
Co- autora (2): Ana Kilvia Mendes Vieira Queiroga (IFPB) [anakfabijr@hotmail.com](mailto:anakfabijr@hotmail.com)  
Co- autora (3): Elisandra Vieira de Sousa Benício (IFPB) [elisandravieira2@hotmail.com](mailto:elisandravieira2@hotmail.com)

*INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA*- e-mail: [campus\\_sousa@ifpb.edu](mailto:campus_sousa@ifpb.edu)

**RESUMO:** O presente artigo tem por finalidade apresentar uma análise reflexiva sobre o uso do oral incorporado na educação básica, indicações de trabalho e de estímulo a oralidade. Na primeira parte, discutiremos a oralidade ‘o que é e como é usada’, posteriormente relataremos como os documentos oficiais (Referencial Nacional para Educação Infantil, Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa, Base Nacional Comum Curricular) tratam o uso do oral, e como forma de constatar as informações perpassadas, utilizaremos uma entrevista com um professor de língua portuguesa da educação básica, a fim de analisar a importância dada ao tratamento à fala em sala de aula, n qual, possibilita organizar as indicações que podem contribuir na incorporação da oralidade nas práticas de ensino de língua materna.

Palavras- chave: Documentos, Oralidade, Educação Básica.

### **1. INTRODUÇÃO**

Concebendo a língua como componente fundamental do ensino, e partindo do pressuposto de que esta se realiza e se define com o uso, propomos com este trabalho evidenciar a importância desta para a formação do cidadão mirim. A língua se realizando social ou historicamente é a manifestação da linguagem, seja esta no meio social ou ideológico, utilizada como expressão do pensamento, instrumento de comunicação ou forma de interação. (GERALDI, 1984)

Conjuntamente a esta concepção os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) deixa evidente a inóipia de se trabalhar com a oralidade. Sendo esta um processo comunicativo interacional como podemos constatar em (PCN- Língua Portuguesa, 1998, p.25):

“(...) nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola – a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões – os alunos serão avaliados (em outros termos aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. Reduzir o tratamento da modalidade oral da linguagem a uma abordagem instrumental é insuficiente, pois,



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

para capacitar os alunos a dominarem a fala pública demandada por tais situações (...)"

Além das considerações dos PCN, Castilho (2000) aprecia o agrupamento entre as informações para compreender que por:

“via de regra o aluno não procede de um meio letrado (...) o ponto de partida para a reflexão gramatical será o conhecimento lingüístico de que os alunos dispõem ao chegar à escola: a conversação (...) os recortes lingüísticos recolhidos devem ilustrar as variedades sócio-culturais da língua portuguesa, sem discriminação contra a fala vernácula do aluno, isto é, de sua fala familiar. (...) Com o tempo o aluno entenderá que para cada situação requer uma variedade lingüística, e será assim iniciado no padrão culto, caso já não o tenha trazido de casa. (...) e como ninguém aqui está negando a importância da língua escrita, seria o caso de desenvolver em classe a reflexão sobre a linguagem a partir do emparelhamento da LF e LE”. (CASTILHO 2000, p. 21-24)

Neste contexto podemos dizer que nascemos inseridos numa cultura a qual nos entusiasma e nos individualiza das demais, e, é a partir desta reflexão que fazemos uso das palavras de Strret (apud MARCUSHI, 2001, p.33) nas quais considera que “a análise crítica do discurso, unida à investigação etnográfica, poderia ser uma das melhores saídas para a observação do letramento e da oralidade como práticas sociais”. Nessa concepção, a linguagem deve ser vista como um instrumento que auxilia na aquisição do conhecimento e é responsável pela interação entre os indivíduos.

## 2. OBJETIVOS

Analisar a fala como objeto de ensino na educação básica.

Aprofundar os conhecimentos sobre os documentos que regem o uso do oral em sala de aula.

Evidenciar através de entrevista a utilização da fala no espaço escolar.

## 3. METODOLOGIA:

Para desenvolver este trabalho realizamos uma pesquisa de natureza bibliográfica, com revisão em textos online sobre o tema.

Procedemos às leituras, reflexões e discussões dos materiais pesquisados, a fim de adquirir familiaridade com o tema, e conhecer os documentos que perpassam o uso da oralidade em sala de aula.

## 4. ORALIDADE O QUE É E COMO É USADA.

Concebendo a linguagem como meio de comunicação, a utilizamos para expressar ideias e sentimentos. É através dela que nos socializamos, ampliamos nossas possibilidades de inserção e participação nas diversas práticas sociais, o que a torna fundamental para a construção do conhecimento.



No processo histórico a fala antecede a escrita, visto que nas antigas culturas, todos os conhecimentos eram transmitidos oralmente, e por muito tempo esse foi o único e principal recurso de transmissão das informações. Nessa fase, a memória do povo era o único registro da sociedade e os relatos dos acontecimentos da época eram passados de geração para geração por meio do processo oral. A evolução permitiu que o homem ampliasse seus conhecimentos, o aparecimento da escrita possibilitou uma nova situação de comunicação, na qual o pensamento vai além do sistema linguístico, e passa a ser uma importante ferramenta, possibilitando registrar os fatos das culturas por escrito, desta forma facilitando a preservação histórica e permitindo a futuras gerações acesso a essas informações.

Existe uma correlação entre a fala e a escrita, no entanto, é através da linguagem que nos revelamos ao mundo e conseqüentemente, construímos uma identidade.

No que concerne à nossa formação como seres falantes, possuímos concepções que envolvem a questão do ensino - aprendizagem da língua. A criança desenvolve a fala nos primeiros anos de vida dentro de seu convívio familiar, ao ser inserido no ambiente escolar, essa linguagem vai ganhando formas, nas quais a comunicação garante a prática das produções verbais. Concernente à formação como falante, três concepções de linguagem são envolvidas no ensino - aprendizagem da língua: a concepção como forma de expressão do pensamento, que remete a linguagem como tradução do pensamento, nesse caso, a gramática normativa estabelece o conceito do certo e errado essencial na distinção do falante.

Em relação ao ensino, o importante são as formas gramaticais pré-estabelecidas com regras a serem obedecidas; na concepção que abordada a linguagem como código, esta atua de forma a abranger o ensino, transformando os alunos em seres mais ativos no aprendizado, colaborando no desempenho das capacidades comunicativas. Nesse processo o professor busca novas formas de facilitar o acesso ao conhecimento da língua, o educador não impõe mais regras e não interfere na ideia dos alunos; na concepção que visa à linguagem como forma de interação, o ensino é considerado eficaz, pois capacita os alunos a descobrirem os melhores caminhos para observar como a língua funciona. Na escola o aluno passa a ter um aprendizado ativo, conseguindo perceber a língua em seu uso real, o professor assume a função de mediador, ensinando as crianças um novo conhecimento. O domínio da fala nessa fase se faz necessário, uma vez que a oralidade deve ser trabalhada em sala, não apenas como meio de comunicação, mas como um objeto de ensino, devendo ser cogitada de forma interativa com planejamento e sistematização.

## **5. COMO OS DOCUMENTOS OFICIAIS TRATAM A ORALIDADE.**

Os documentos oficiais que auxiliam e direcionam o ensino, apontam a inóipia de abordar a oralidade utilizando atividades que analisem a língua falada, desta forma permitindo uma compreensão dos conceitos linguísticos estes fundamentais ao monitoramento estilístico da oralidade e



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

da escrita, como, também da postura cidadã, sendo que estes conceitos são essenciais para a atuação social. Deste modo faz-se necessária uma reflexão sobre a operacionalização das propostas de atividades apresentadas, de tal modo que essas reflexões resultem em um posicionamento eficaz para desenvolver o uso da língua fundamentado em conhecimento teórico.

Observamos que esses documentos abordam de forma particularizada e harmônica, diversas atividades que embasam a pesquisa, o desenvolvimento de habilidades, a elaboração prévia da produção e da análise da língua oral. Portanto a oralidade não é utilizada apenas como embasamento para essas atividades, mas como balizamento do ensino do oral, acarretando uma regulação da própria fala, uma monitoração do estilo e a análise da fala do outro. Fazendo-se importante que as situações de exposições orais sejam frequentes nos projetos de estudo e ensinadas desde as series iniciais.

Alinhados a esses pressupostos, apresentamos como os documentos oficiais abordam o ensino do oral.

### **5.1 REFERENCIAL NACIONAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O referencial defende de certa maneira que professor é um profissional intelectual, tudo o que acontece a partir de sua ação serve para uma reflexão. Os alunos se espelham no professor, com isso a oralidade é uma concepção de aprendizagem que em sala de aula deve ser planejada e trabalhada de forma sistematizada, em benefício ao aluno.

O desempenho do professor é fundamental para orientar os alunos na construção da linguagem dentro e fora da escola, ele deve valorizar o conhecimento e a verbalização de forma correta. De acordo com o referencial, é aconselhável que o professor introduza novas palavras no cotidiano do aluno, mas não se prenda a uma única forma de língua, ou seja, restrita a norma culta, porém, não deve usar uma linguagem muito simplificada.

De acordo com esse documento, a brincadeira é importante para o desenvolvimento infantil, o professor tem a oportunidade de usar esse recurso dentro do ambiente escolar para criar vínculos e desenvolver a comunicação entre as crianças. Trabalhar com a dramatização, a música e o teatro de fantoches são estratégias que o professor pode usar, e resultam em uma série benefícios, nesse caso a percepção da entonação e a imitação da voz do personagem, faz com que o aluno aprenda a escutar e conciliar o tempo de falar e de ouvir, tudo isso favorece um desenvolver potencial da linguagem.

A roda de conversa também é uma situação de aprendizagem, que possibilita a criança expor por meio do diálogo o seu ponto de vista e ideias sobre as coisas. A conversa ajuda a ampliar as capacidades comunicativas dos alunos, é pelo intermédio da fala que o ser humano traduz seus modos próprios e particulares de pensar. O documento orienta que para haver esse desenvolvimento de capacidades o professor deve se organizar a fim de criar situações que promovam a interação da turma de acordo com heterogeneidade dos conhecimentos dos alunos, ele assume a função de mediador e



auxiliador quando incentiva os alunos a explicarem, para si e para os demais, as relações e associações comunicativas.

## **5.2 PCN – LÍNGUA PORTUGUESA**

Partindo dos pressupostos de que a língua se realiza com o uso, e apoiados na expansão das possibilidades do uso e do trabalho com a linguagem evidenciamos, que para os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) a linguagem é uma atividade discursiva, neste viés corroboram que não cabe a escola ensinar o aluno a falar, mas proporcionar que este desenvolva o bom uso da oralidade de modo que se sinta confiante e capaz de exercer o processo de comunicação interativo, assim, demonstrando o uso adequado da língua em diferentes circunstâncias e formalidades, respeitando a linguagem prévia que o aluno adquiriu em ambientes informais, coloquiais ou familiares, desta forma trabalhando a oralidade a fim de refletir sobre o seu uso.

Além dessas informações os PCN evidenciam, que a língua oral como conteúdo escolar requer um planejamento de ação pedagógica a fim de “garantir atividades sistemáticas da fala, escuta e reflexão sobre a língua” (PCN. 1997, p.38). Como, também aconselham atividades de cunho produtivo e interpretativo as quais devem abordar vários tipos de textos orais, com o intuito de observar e refletir sobre os diversos usos e recursos oferecidos pela língua no desígnio de alcançar diferentes finalidades comunicativas. Essas atividades organizadas didaticamente proporcionaram que os alunos transitem das situações formais e coloquiais às formas mais estruturadas linguisticamente. De acordo com os (PCN. 1997, p.40) essas atividades podem ser “seminários, dramatização de textos teatrais, simulação de programas de rádio e televisão, de discursos políticos e de outros usos públicos da língua oral.” Portanto as regras comunicativas devem ser abordadas em contextos acessíveis, nos quais o respeito à fala do outro seja envolvido de função e sentido, e que não sejam vistas, apenas, como um processo de solicitação ou exigência do professor.

## **5.3 BNCC – ÁREA DE LINGUAGENS**

A Base Nacional Comum Curricular (BNC) é o basilar para a renovação e o aprimoramento da educação básica como um todo. Neste documento a área de Linguagens é composta pelas seguintes disciplinas “Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Arte e Educação Física” (BNC, p.29), as quais se ocupam dos conhecimentos referentes ao desempenho dos indivíduos em práticas linguísticas, nos mais diversos campos da interação humana, ou seja, dos diálogos cotidianos aos mais formais e elaborados, sendo que esta área possibilita a mobilização e ampliação dos recursos expressivos a fim de “construir sentidos com o outro em diferentes campos da atuação” (BNC, p.29).

De acordo com este documento, para o bom convívio social os sujeitos devem se apropriar dos sistemas de representação, desde que, estes sejam historicamente edificados. Assim, a área de



## III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

linguagens torna-se responsável por garantir o domínio da escrita e suas convenções, como, também abrange o letramento que concerne à participação do sujeito nas mais diversas práticas sociais, além da importante tarefa da “garantia do direito de experimentar, criar, fruir, usufruir da vivência de diferentes manifestações, artísticas, literárias e corporais” (BNC, p.30).

Com relação à interação entre os indivíduos, dois elementos fazem-se necessários, a teorização e a reflexão crítica, pois estas possibilitam uma melhor compreensão e aprofundamento, estes dois últimos presentes nas etapas que consideram os graus de complexidades e elaboração tendo como base o contexto de atuação.

Quanto aos objetivos desta área, se delineiam entre interagir, reconhecer, refletir, compreender, dominar, vivenciar, respeitar, propiciar, aproximar-se, explorar e produzir as diferentes práticas de linguagens que podem estar ancoradas nos mais diversos meios comunicativos. Estes objetivos concernem desde o Ensino Infantil ao Ensino Médio. No que se refere à progressão dos conhecimentos no Ensino Médio esta (progressão) deve ser lavada em conta, pois é a etapa final da Educação Básica. No tocante ao ensino Infantil este deve estar envolvido, também em ressaltar “as culturas infantis tradicionais e contemporâneas, as brincadeiras da tradição oral e as situações lúdicas de aprendizagem” (BNC, p. 31). Já no que se refere ao Ensino Fundamental o trabalho com a reflexão crítica irá envolver o corporal, o artístico e o tecnológico.

Deste modo, o ensino na área da linguagem não se restringe a conteúdos ou a compreensão de elementos desvinculados da realidade, mas abrange um conjunto formado pelas práticas de linguagem, ou seja, os campos de experiências e atuações dos indivíduos, sendo incontestável a importância do oral para o ensino. O documento deixa evidente a importância da interação baseada nas mais diversas modalidades linguísticas, a fim de ampliar as capacidades comunicativas e expressivas, assim, dando oportunidade para o educando desenvolver seu potencial através de recursos, que, vão além do texto composto por palavras. A produção das práticas de linguagem materializadas na oralidade gera uma sensibilização, capacitando o aluno a interligar os atos de ouvir e falar essenciais à comunicação. Esta produção deve ser ancorada nos gêneros textuais e orais, pois estes recursos estimulam a aprendizagem. A BNCC indica o trabalho com jornais, revistas, músicas, cinema, além da utilização das tecnologias de informação e comunicação, o que de certo modo passa a ser um elemento direcionador para o desenvolvimento da oralidade, além de possibilitar a interdisciplinaridade com as demais áreas do conhecimento, também possibilita a interação entre os educandos. O documento aborda a necessidade de propiciar debates, que envolvam a coletividade e a discussão dos interesses relativos à cidadania e a pluralidade, de modo a desenvolver gradativamente a criticidade, levando em conta as condições de produção e recepção, que auxiliam no compartilhamento dos saberes e na divulgação de opiniões.



Portanto, de acordo com este documento o amadurecimento linguístico contribui para que o sujeito participe com autonomia e dotado de responsabilidade, criticidade e criatividade se envolva com as mais diversas práticas sociais.

## QUESTIONÁRIO

Esta entrevista foi realizada com uma professora da Educação Básica de uma Escola Pública da Rede Estadual do Estado da Paraíba, seu nome será mantido em sigilo, a fim de garantir a identidade do entrevistado. As perguntas foram elaboradas com o intuito de verificar o uso do oral em sala de aula, e como este é trabalhado.

1. Você como professor (a) de Língua Portuguesa vê a oralidade como parte do ato de educar?

R=> Sim, pois a oralidade é uma forma de expressar nosso aprendizado e conhecimento, é através dela que nos comunicamos, compreendemos e somos compreendidos.

2. Em suas aulas, a fala é utilizada como um recurso para o ensino? Como?

R=> Sim, a fala é um recurso importantíssimo para o entendimento entre educando e educador. Faço o uso da mesma em leituras orais, discussões e debates.

3. Como você explica a seus alunos o uso do conjunto oral - corporal, com relação à movimentação durante a fala?

R=> É importante durante uma apresentação oral, fazer o uso do corpo, pois às vezes o movimento corporal transmite mais do que o que foi falado.

4. Quando você dá aula sobre algum texto oral, qual é a sua maior preocupação?

R=> Transmitir a mensagem do texto, interagir com os alunos, provocando nos mesmos o interesse de buscar novos conhecimentos sobre o assunto falado.

5. Que gêneros orais fazem parte de sua sala de aula?

R=> Tanto fala, como escrita são importantes na Língua Portuguesa, embora a segunda seja tida como invariável no que diz respeito à norma culta, pois a mesma é dita e seguida de regras estabelecidas. Enquanto a primeira, essa varia de acordo com o local ou região, sendo formal ou informal.

6. Entre fala e escrita, qual tem um papel mais importante nas aulas de Língua Portuguesa?



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

R=> A fala garante possibilidades discursivas, favorecendo a troca de opiniões e contribuindo de forma significativa na formação do processo de ensino aprendizagem do aluno, ou seja, torna-se um formador de opinião revelando capacidades. Já a escrita é a forma codificada do oral, esta também tem um valor significativo, pois é através dela que podemos exercer a norma culta de forma a compreender os códigos da língua portuguesa.

7. O que você acha do nível de seus alunos, no que diz respeito à fala? O que pode ser feito para aprimorar as habilidades deles?

R=> O nível não é muito bom, mas pode melhorar desde que trabalhe com eles, assuntos cotidianos de forma a fazê-los falar sem se preocupar que esta se expressando diante da turma, e sim perante colegas; provocar entre eles discussões sobre o tema debatido e assim fazendo com que os alunos exponham seus conhecimentos, conquiste um espaço e se sinta capaz.

8. Como a oralidade pode contribuir para a construção da autonomia dos alunos?

R=> Procuo mostrar os pontos positivos e negativos de ambos os lados, reforçando a importância do diálogo presencial, o que ele nos proporciona: um abraço, um olhar, um gesto, um sorriso, segurança, afeto e que é preciso viver e conviver próximo do próximo.

9. Sabemos que as tecnologias são o auge das discussões entre os jovens, diante disso como você lida com a falta de diálogo presencial e o excesso do virtual?

R=> Realmente é um dilema, não é fácil realizar aulas tão atrativas quanto o Whatsapp, facebook ou fotos. Infelizmente percebemos casos em que o uso em excesso dessas mídias provocam o distanciamento da comunicação verbal entre os alunos. Sabemos que a comunicação precisa ser praticada pra ser eficaz, e para isso acontecer busco desenvolver propostas criativas para atrair o aluno. Procuo estar atualizada e trazer assuntos que abordam acontecimentos do cotidiano, proporcionando uma conversa sadia e promovendo uma aula dinâmica, dessa forma o diálogo presencial ganha o espaço que as mídias ocupam no tempo dos alunos.

De acordo com o relatado, podemos verificar que as respostas obtidas na entrevista constataam a importância de se trabalhar com a oralidade no ambiente escolar, a professora entrevistada mostra-se preocupada em trabalhar a comunicação de forma interativa, esclarecendo que o corpo também auxilia na expressão comunicativa, no entanto é a linguagem verbal que garante a comunicação direta. No





entanto, mesmo considerando a oralidade como um instrumentíssimo para a compreensão entre professor e aluno, a entrevistada limita o campo de utilização da fala como componente didático, pois é utilizada, apenas em leituras orais, discussões e debates. Compreendendo as informações dos documentos oficiais que regem a educação brasileira os quais indicam que a oralidade deve ser trabalhada de forma dinâmica e interativa, fazendo uso dos diversos gêneros orais, neste viés Schneuwly e Dolz (2004) preocupam-se com as elaborações de propostas didáticas voltadas para o ensino de alguns gêneros orais, formais ou públicos, assim, o trabalho com a oralidade não se limita a diálogos informais, mas “trata-se de identificar, refletir e utilizar a imensa riqueza e variedade de usos da língua na modalidade oral”. (Cavalcante e Melo, 2007, p. 89). A entrevistada não estipula quem tem maior importância se a linguagem oral ou escrita, porém nos leva a entender que ambas se complementam e cada uma tem o seu valor singular na construção do ensino aprendizagem. A professora afirma que as mídias podem dispersar a atenção do aluno, mas tenta promover aulas criativas para garantir a discussões e favorecer a autonomia dos alunos. Os diálogos virtuais estão ganhando grandes proporções na vida dos jovens, porém é através do intermédio do professor que essa realidade pode ser mudada dentro da sala de aula, o aluno deve perceber um maior sentido no diálogo presencial do que passar horas navegando na web.

Deste modo, podemos constatar que a oralidade está presente, como sempre esteve no cotidiano escolar, contudo cabe ao professor referenciar, planejar didaticamente e se atualizar a fim de atender as expectativas dos alunos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A linguagem é o recurso comunicativo mais completo. Apoiando-se nela podemos evidenciar que a fala por seu caráter multiforme possibilita conhecer e aprofundar as mais diversas práticas interacionais.

Deste modo, faz-se necessária uma análise dos usos e das manifestações do oral, a fim de envolver os indivíduos em uma interação produtiva, pois baseados nas informações acima esses suportes são dispostos teoricamente pra serem utilizados didaticamente.

Portanto a oralidade deve ser vista em seu uso e formas como um instrumento, a favorecer uma interação eficaz entre seres, como objeto de ensino capaz de romper barreiras e formar cidadãos comprometidos com o social.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. (S/A)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diversidade textual: os gêneros na sala de aula./ Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça, Mariane C. B. Cavalcante. 1. Ed., 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental/ Português. Brasília: Ministério da Educação, 1998. 106 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: 144p. 1997

CASTILHO. Ataliba. T. **A língua falada no ensino de português**. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2000.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula; leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.

[https://www.google.com.br/search?q=REFERENCIAL+NACIONAL+DA+EDUCA%C3%87%C3%83O+INFANTILNEI&ie=utf8&oe=utf8&gws\\_rd=cr&ei=6zvXVsnXNMKcwgSNsbCYDA](https://www.google.com.br/search?q=REFERENCIAL+NACIONAL+DA+EDUCA%C3%87%C3%83O+INFANTILNEI&ie=utf8&oe=utf8&gws_rd=cr&ei=6zvXVsnXNMKcwgSNsbCYDA)

MAGALHÃES. Tânia Guedes. Oralidade na sala de aula alguém “fala” sobre isso? Instrumento – Ver. Es. Pesq. Ed., Juiz de Fora, n.7 e n.8, p. 65-81, 2005/2006

MARCUSHI, Luís A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001